

O SISTEMA DE PÓS-GRADUAÇÃO BRASILEIRO E A SAÚDE MENTAL DOS ESTUDANTES: QUE FRAGILIDADES A PANDEMIA DA COVID-19 REVELA?

THE BRAZILIAN GRADUATE SYSTEM AND THE MENTAL HEALTH OF STUDENTS: WHAT WEAKNESSES DOES THE COVID-19 PANDEMIC REVEAL?

EL SISTEMA DE GRADUACIÓN BRASILEÑO Y LA SALUD MENTAL DE LOS ESTUDIANTES: ¿QUÉ FRAGILIDADES REVELA LA PANDEMIA DE COVID-19?

Aneliana da Silva Prado

anelianaprado@ufpr.br

Mestra em Educação Profissional e Tecnológica

Doutoranda em Psicologia

Instituto Federal do Paraná

Universidade Federal do Paraná

Joanneliese de Lucas Freitas

joanne@ufpr.br

Doutora em Psicologia

Universidade Federal do Paraná

RESUMO

A saúde mental dos estudantes de pós-graduação tem se tornado objeto de preocupação nos últimos anos em razão de crescente sofrimento psíquico reportado pelos estudantes. O contexto de crise da pandemia da Covid-19 pode intensificar as dificuldades que já vinham sendo enfrentadas e ainda trazer novos desafios. Este trabalho objetiva discutir dados sobre a saúde mental de estudantes de pós-graduação e como a pandemia da Covid-19 pode intensificar as dificuldades que já vinham sendo enfrentadas. Por meio de uma revisão narrativa da literatura, alguns dados de saúde mental de estudantes são discutidos em relação à estrutura da pós-graduação brasileira, e posteriormente articulados com o contexto pandêmico. Como resultado da revisão, observa-se que fatores institucionais e de infraestrutura da pós-graduação, insegurança socioeconômica, incerteza quanto ao futuro profissional, cobrança por produtividade, e qualidade da relação entre orientador e orientando destacam-se como pontos de atenção em relação à saúde mental desses estudantes.

Compreendemos a complexidade da saúde mental e a impossibilidade de se assinalar relações causais que expliquem o sofrimento psíquico. Não obstante, identificar esses fatores pode ser útil para o planejamento de políticas públicas de inclusão e permanência na pós-graduação, bem como ações de promoção, prevenção e cuidado da saúde mental desses estudantes, especialmente no contexto pandêmico. Destarte, as fragilidades acima elencadas, já presentes no sistema de pós-graduação brasileiro e intensificados pela pandemia, apontam para a necessidade do cuidado em âmbito coletivo, por meio da implementação e fortalecimento de políticas públicas no âmbito educacional e científico e estruturação de ações institucionais envolvendo, por exemplo, a promoção de relações colaborativas, o apoio a estudantes mulheres, o suporte a estudantes que estão longe de suas famílias, o oferecimento de suporte social e emocional e, especialmente na pandemia, a inclusão digital.

Palavras-chave: Saúde mental. Estudante. Pós-graduação. Covid-19. Universidade.

ABSTRACT

The mental health of graduate students has become an object of concern in recent years due to the increasing psychological suffering reported by students. The Covid-19 pandemic crisis may intensify the difficulties already faced and bring new challenges. This work aims to discuss graduate students' mental health data and how the Covid-19 pandemic may intensify the difficulties already faced. Through a narrative review of the literature, some student mental health data are discussed concerning the structure of Brazilian Graduate Programs and later articulated with the pandemic context. As a result of the review, we observe that institutional and infrastructure aspects of Graduate Programs, socioeconomic insecurity, uncertainty about the professional future, demand for productivity, and the quality of the relationship between advisor and advisee stand out as points of attention regarding the mental health of these students. We understand the complexity of mental health and the impossibility of identifying causal relationships that explain psychological suffering. Nevertheless, identifying these factors can help design public policies for inclusion and permanence in Graduate Programs, as well as promotion, prevention, and care programs regarding students' mental health, especially in the pandemic context. Thus, the weaknesses listed above, already present in the Brazilian postgraduation system and intensified by the pandemic, point to the need for care at a collective level, implementing and strengthening public policies in the educational and scientific spheres, and structuring institutional actions involving, for example, the promotion of collaborative relationships, support for female students, support for students who are far from families, the provision of social and emotional support and, especially in the pandemic, digital inclusion.

Keywords: Mental health. Students. Graduate studies. Covid-19. University.

RESUMEN

La salud mental de los estudiantes de posgrado se ha convertido en objeto de preocupación en los últimos años debido al creciente malestar psicológico que reportan los estudiantes. El contexto de crisis de la pandemia del Covid-19 puede intensificar las dificultades que ya se estaban enfrentando y también traer nuevos desafíos. Este trabajo tiene como objetivo discutir datos sobre la salud mental de los estudiantes de posgrado y cómo la pandemia de Covid-19 puede intensificar las dificultades que ya se estaban enfrentando. A través de una revisión narrativa de la literatura, se discuten algunos datos de salud mental de los estudiantes en relación con la estructura de los estudios de posgrado brasileños, y luego se articulan con el contexto de la pandemia. Como resultado de la revisión, se observa que los factores institucionales y de infraestructura del posgrado, la precariedad socioeconómica, la incertidumbre sobre el futuro profesional, la demanda de productividad y la calidad de la relación entre asesor y asesorado se destacan como puntos de atención en relación con la salud mental de estos estudiantes. Entendemos la complejidad de la salud mental y la imposibilidad de identificar relaciones causales que expliquen el sufrimiento psíquico. Sin embargo, la identificación de estos factores puede ser útil para planificar políticas públicas de inclusión y permanencia en los estudios de posgrado, así como acciones de promoción, prevención y cuidado de la salud mental de estos estudiantes, especialmente en el contexto de la pandemia. Así, las debilidades enumeradas anteriormente, ya presentes en el sistema de posgrado brasileño y acentuadas por la pandemia, apuntan a la necesidad de atención a nivel colectivo, a través de la implementación y fortalecimiento de políticas públicas en el ámbito educativo y científico y estructuración de acciones institucionales. involucrando, por ejemplo, la promoción de relaciones colaborativas, el apoyo a estudiantes mujeres, el apoyo a estudiantes que están lejos de sus familias, la provisión de apoyo social y emocional y, especialmente en la pandemia, la inclusión digital.

Palabras clave: Salud mental. Alumno. Posgraduación. COVID-19. Universidad.

INTRODUÇÃO

Diferentemente dos estudos com estudantes de graduação, os estudantes de pós-graduação representam uma população cuja saúde mental só recentemente tem

sido estudada, especialmente no Brasil (CRUZ, 2020). Não obstante, uma intensificação do sofrimento emocional tem aparecido de forma recorrente nessa população (COSTA; NEBEL, 2018; COLOMBO, 2019; FARO, 2013). Observar esta lacuna e reconhecer a necessidade de identificar as especificidades desse público, para que intervenções sejam planejadas adequadamente é uma necessidade premente (SOUZA; FAVARIN; COMIN, 2021).

Se o contexto da saúde mental juvenil na universidade já se encontrava com necessidade de atenção, a pandemia da Covid-19 trouxe ainda mais desafios, ainda maiores. A estrutura da pós-graduação em termos de financiamento, avaliação, produtividade, suporte financeiro e disponibilidade de bolsas de estudo, entre outros aspectos desta natureza, são reconhecidamente fatores que impactam consideravelmente a experiência dos estudantes. Essa estrutura vem apresentando dificuldades que podem ser agravadas neste contexto de crise (SINDICATO NACIONAL DOS DOCENTES DAS INSTITUIÇÕES DE ENSINO SUPERIOR, 2020).

Os efeitos colaterais da pandemia atingiram de forma importante os estudantes em todo o mundo. Assim, dado o potencial de agravar as situações de vulnerabilidade e sofrimento dessa população, torna-se imprescindível um olhar atento ao cuidado dos estudantes, com o qual este trabalho visa a contribuir. Diante disso, este artigo tem por objetivo discutir a saúde mental dos estudantes de pós-graduação e como a pandemia da Covid-19 pode intensificar as dificuldades enfrentadas por esses estudantes. Por meio de uma revisão narrativa, apresenta-se um panorama da estrutura e da consolidação do sistema de pós-graduação no Brasil, com foco no ensino público, e em alguns dados sobre a saúde mental da população universitária que são, posteriormente, articulados com o contexto pandêmico. A revisão narrativa justifica-se pelo objetivo e natureza exploratória da temática e pela literatura reduzida sobre a temática de saúde mental na pós-graduação (COLOMBO, 2019; COSTA, 2018; CRUZ, 2020; SNYDER, 2019).

A PÓS-GRADUAÇÃO NO BRASIL

Em 1951, a criação do Conselho Nacional de Pesquisas (CNPq) e da então denominada Campanha de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), que em 1964 recebeu status de Coordenação, demarca o processo de institucionalização da pesquisa no Brasil (COSTA; NEBEL, 2018; ORTEGA; BRANDÃO, 2020). Esses órgãos, até o presente momento, são os principais responsáveis pelo desenvolvimento de pesquisa no país. Não obstante, foi a partir de 1970, por meio da publicação do Parecer nº 977/65, do então Conselho Federal de Educação (CFE), que o desenvolvimento da pós-graduação no Brasil foi consolidado com a formalização dos cursos de pós-graduação *stricto sensu* nos níveis de mestrado e doutorado no país. Esses cursos foram organizados tendo a primeira parte da carga horária preenchida com disciplinas e a segunda parte, destinada à produção do trabalho científico propriamente, isto é, à construção da dissertação ou da tese (COLOMBO, 2019; ORTEGA; BRANDÃO, 2020).

Assim como o campo educacional do ensino superior no país, a pós-graduação nasceu do debate entre educadores católicos e educadores renovadores. Esses últimos, defensores de uma educação laica e da modernização do Estado, representam o grupo cujas propostas orientaram a ampliação do sistema público de ensino e a fundação das universidades e instituições de pesquisas brasileiras. Isso pode ser expresso pelo quantitativo consideravelmente maior de programas de mestrado e doutorado nas universidades públicas do que nas universidades católicas privadas (BRASIL, 2021; ORTEGA; BRANDÃO, 2020).

A partir da década de 1990 e 2000, com o fomento de políticas de Estado, os programas de pós-graduação cresceram qualitativamente e quantitativamente. A CAPES, juntamente com a Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Educação (ANPEd), criada em 1970, exerceu um papel importante nesse

desenvolvimento e consolidação (ORTEGA; BRANDÃO, 2020). De 2005 a 2015, por exemplo, o número de programas passou de 2.057 para 3.904 (COSTA; NEBEL, 2018) implicando aumento significativo do número de estudantes (COLOMBO, 2019). Os dados mais recentes disponibilizado pela CAPES, apontam que, em 2019, o Brasil tinha 4570 programas de pós-graduação nos níveis de mestrado e doutorado acadêmicos e mestrado e doutorado profissionais, crescimento também estimulado pelo Plano Nacional de Educação (PNE) (BRASIL, 2014). A Tabela 1 a seguir apresenta os dados mais recentes disponibilizados pela Capes.

Tabela 1. Programas de pós-graduação no Brasil por nível de ensino

Nível de ensino	Número de estudantes
Mestrado e doutorado	2330
Mestrado	1333
Mestrado profissional	802
Doutorado	80
Mestrado profissional/doutorado profissional	24
Doutorado profissional	1
Total	570

Fonte: Brasil, 2021.

A maioria dos programas estão em instituições públicas, sendo que 58,2% em instituições federais (2662), 22.9% em estaduais (1047), 18.1% em particulares (826), e 0.8% em municipais (35). Esses concentram-se em nove Grandes Áreas do Conhecimento: 1) Ciências Agrárias, 2) Biológicas, 3) da Saúde, 4) Exatas e da Terra, 5) Humanas, 6) Sociais Aplicadas, 7) Engenharias, 8) Linguística, Letras e Artes, e 9)

Multidisciplinar. As Áreas Multidisciplinar (783), Ciências da Saúde (716), Ciências Humanas (661) e Ciências Sociais Aplicadas (627) são as que concentram os maiores números de programas no país (BRASIL, 2021). É dentro dessas Grandes Áreas de Conhecimento que se localizam as Áreas de Concentração nas quais as diversas linhas de pesquisa se tornaram espaço privilegiado para a produção da pesquisa no Brasil.

Em 2019, havia 292.766 estudantes matriculados na pós-graduação *stricto sensu* (mestrados acadêmico e profissional, doutorados acadêmico e profissional) e 94.503 titulados no país. O Sudeste é a região brasileira com maior concentração de estudantes matriculados (BRASIL, 2021). Em relação ao perfil desses estudantes, não há no país um banco de dados de acesso público. Nesse sentido, o estudo de Costa e Nebel (2018) e de Colombo (2019) contribuem ao apresentar um conjunto inicial de estatísticas descritivas dos estudantes de mestrado e doutorado no Brasil. Em relação ao gênero, Colombo (2019) aponta que, de 1996 a 2016, as mulheres representaram a maioria dos estudantes titulados. Esse dado corrobora o que foi apresentado por Costa e Nebel (2018), que indicaram que cerca de 55% das vagas nos cursos de graduação eram ocupadas por mulheres. Na pós-graduação, desde 1997, as mulheres representam a maioria entre os titulados no nível de mestrado e, a partir de 2003, elas passaram a representar a maioria também entre os doutores titulados (CENTRO DE GESTÃO E ESTUDOS ESTRATÉGICOS [CGEE], 2019).

Em relação à raça/cor de pele ou etnia, dos quase 3 mil estudantes que participaram do estudo de Costa e Nebel (2018), 70% se declararam como brancos, 22% como pardos/mulatos, 5% como negros, 2% como amarelos e 0,5% como indígenas. A respeito da idade, a média de idade dos participantes foi de 28 anos. Sobre o estado civil, 68% dos participantes se declararam solteiros, 16% casados, 13% em união estável e 2% separados/divorciados. A grande maioria se declarou sem filhos (91%). À época, 76% dos estudantes informaram que recebiam bolsa de estudos da CAPES, do CNPq ou de alguma agência de fomento à pesquisa e 71%

afirmaram não exercer outra atividade profissional além da pós-graduação (COSTA; NEBEL, 2018).

Colombo (2019), ao apresentar um panorama geral a respeito do abandono ou desligamento e do tempo para titulação dos alunos de mestrado e doutorado no Brasil, indica que os múltiplos fatores relacionados ao tempo e à permanência nos cursos podem ser divididos em três grupos:

fatores institucionais, que incluem atributos da instituição de ensino e da infraestrutura de pesquisa; características pessoais e socioeconômicas do aluno, tais como gênero, idade, estado civil e expectativas pessoais; e supervisão ou suporte acadêmico, que abarca a qualidade do orientador e o apoio de outros colegas ou professores. (p. 205)

Em relação ao primeiro grupo, os fatores institucionais, Colombo (2019) destaca-o como ponto crucial na decisão dos estudantes para titularem-se dentro dos prazos e observa que há um aumento da taxa de desistência (*dropout*) dos pós-graduandos após o término do financiamento. O autor explicita ainda que o financiamento (ou suporte financeiro) e a área de conhecimento destacam-se como os fatores mais estudados e considerados como importantes preditores da trajetória estudantil (COLOMBO, 2019). Sabe-se que o tempo limite para a concessão de bolsas para mestrado e doutorado estipulado pela Portaria nº 52/2002 (BRASIL, 2002) é de 24 meses para o mestrado e de 48 meses para o doutorado. Além de implicar na duração da bolsa do estudante, o cumprimento ou não desses períodos para finalização dos cursos pelos estudantes também interfere na avaliação dos programas de pós-graduação.

Botomé e Kubo (2002) defendem que a responsabilidade social e objetivo sumário da pós-graduação, tanto do mestrado, quanto do doutorado, expressos por meio de seu currículo, são tornar o cientista apto a produzir conhecimento e fazê-lo acessível à sociedade, especialmente por meio do ensino de nível superior. No entanto, a necessidade de produtividade avaliada nos programas transformou-se em

objeto de maior importância em detrimento da formação docente (BOTOMÉ; KUBO, 2002; ORTEGA; BRANDÃO, 2020). Segundo os autores,

os egressos deveriam estar aptos a integrar o corpo de pesquisadores de núcleos ou institutos de pesquisa e o corpo docente de diferentes cursos de nível superior nas instituições universitárias, de ensino superior formal ou em outras instituições que precisam transformar conhecimento científico ou novo em condutas, bens e serviços para a sociedade como parte de seu papel na sociedade. (BOTOMÉ; KUBO, 2002, p. 13)

Diante disso, Botomé e Kubo (2002) advogam que os programas de mestrado e doutorado deveriam ser agências para formar novos cientistas e professores universitários e não *locus* privilegiado de desenvolvimento de pesquisas. O dado de que os programas têm se voltado predominantemente à produção científica é corroborado pela pesquisa de Costa e Nebel (2018), que aponta a percepção dos estudantes sobre a grande cobrança dos programas e dos orientadores para a publicação de artigos em periódicos científicos e para a participação em eventos e tarefas organizados pelos programas. Essa organização da pós-graduação é um dos aspectos do âmbito institucional de grande relevância nos achados que versam sobre a qualidade da saúde mental do estudante de pós-graduação (COSTA; NEBEL, 2018; FARO, 2013), à evasão (SANTOS, 2003) e à qualidade da relação orientador-orientando tanto pessoal quanto institucionalmente (ALVES; ESPINDOLA; BIANCHETTI, 2012; MINAYO, 2019).

A respeito do grupo relacionado às características pessoais e socioeconômicas ou contextuais dos estudantes, Silva e Bardagi (2015) apontam a necessidade de estudos que descrevam o perfil dos estudantes de pós-graduação. Não obstante, os autores indicam que há diversos fatores de risco para o sofrimento psíquico na experiência do estudante de pós-graduação, como o manejo de tempo, as exigências de produtividade e o pouco acompanhamento do orientador. Em relação a isso, Faro (2013) e Silva e Bardagi (2015) apontam que as mulheres apresentam maior nível de

estresse, indicando o gênero como um fator de vulnerabilidade no contexto da pós-graduação.

Por fim, o grupo relativo à supervisão ou suporte acadêmico envolve não apenas a qualidade da relação com o orientador, mas também a disponibilidade de suporte de outros colegas ou professores. Acerca disso, a literatura aponta que quanto melhor o suporte disponível e a relação com o orientador, com outros professores e pares, melhor o bem-estar e o desempenho do estudante e menor a probabilidade de adoecimento e de desistência ou abandono do curso (COSTA; NEBEL, 2018; GRANER; CERQUEIRA, 2019; JUNG et al., 2020; MINAYO, 2019; ROSLAN et al., 2017; SILVA; BARDAGI, 2015).

A SAÚDE MENTAL NA PÓS-GRADUAÇÃO

Neste tópico, apresentaremos um panorama sobre saúde mental de estudantes no contexto universitário. Algumas dificuldades se apresentam nesse caminho. A primeira é o fato de a literatura disponível versar mais sobre os estudantes de graduação do que de pós. Além disso, há estudos que não diferenciam os níveis de ensino, abarcando tanto graduandos quanto pós-graduandos sob a expressão “estudantes universitários”. Embora compartilhem o mesmo contexto, a literatura aponta que o estresse entre pós-graduandos se mostra ainda maior (COSTA; NEBEL, 2018). Assim, nos permitimos utilizar alguns dados do primeiro nível de ensino para propor uma extrapolação na análise, mesmo que seja preciso advertir que tal extrapolação nos fornece indicadores ainda aquém da situação de pós-graduandos. Tal panorama nos possibilita abrir questões relevantes para o avanço dos estudos na área, ao iluminar as condições de sofrimento no contexto universitário, em especial, de um grupo sob grande estresse e pouco estudado. Segundo a literatura, dentre os fatores intensificadores de estresse e sofrimento do pós-graduando encontram-se a

carga horária elevada, a competição acadêmica, a exigência de perfeccionismo e a falta de perspectiva e de valorização (ZOTESSO, 2021).

A saúde mental é um fenômeno complexo e, como tal, pode ser percebida, estudada, compreendida e avaliada sob diferentes óticas. No presente trabalho, a saúde mental é compreendida em uma perspectiva sustentada na superação das dicotomias saúde/doença, corpo/mente e indivíduo/sociedade. Dessa forma, também não buscaremos causalidades e consideramos a relação saúde-doença de forma contígua e não como pares de opostos, vivida heurísticamente por um sujeito localizado em dado contexto histórico. Assim, não faz sentido compreender a saúde mental destacada daquele que vive e experimenta o que se convencionou chamar de saúde e doença em dado contexto, nem tampouco compreendê-la destacada das relações vividas, inclusive e principalmente nos contextos de cuidado. Podemos dizer, então que “a experiência da saúde envolve a construção compartilhada de nossas ideias de bem-viver e de um modo conveniente de buscar realizá-las na nossa vida em comum” (AYRES, 2007, p. 50).

Por outro lado, também reconhecemos a utilidade das descrições nosológicas, da sintomatologia e dos dados de prevalência dos transtornos denominados mentais para a proposição de políticas públicas, de forma que fatores de risco e proteção, quando utilizados de forma crítica, podem contribuir para o planejamento de intervenções voltadas a públicos específicos. Nesse sentido, apesar de nos valermos do jargão usual da saúde mental, presentes nos textos aqui revisados, não poderíamos deixar de chamar atenção para a necessidade de se considerar a integralidade da pessoa e da experiência na qual o sofrimento e o adoecimento são parte e que saúde e doença são vividas em um contexto relacional, onde necessidades e experiências são vislumbradas e acolhidas ou ignoradas e violadas, confinando sujeitos ao bem-viver ou ao isolamento e à violência. Assim, compreendemos que saúde mental “significa um *socius* saudável [. . .], vincula-se a

uma pauta emancipatória do sujeito, de natureza inapelavelmente política” (FILHO; COELHO; PEREZ, 1999, p. 123).

Segundo a Organização Mundial da Saúde (OMS), os assim chamados transtornos mentais atingem em torno de 700 milhões de pessoas no mundo todo, sendo que o Brasil é o primeiro no ranking de pessoas com transtorno de ansiedade e o quinto no transtorno depressivo (WORLD HEALTH ORGANIZATION [WHO], 2017). Em relação à população jovem, estudos internacionais e nacionais têm apontado uma grande prevalência de sofrimento emocional em estudantes universitários, chamando a atenção para a vulnerabilidade dessa população e para a intensificação do sofrimento vivido nesse contexto (AUERBACH et al., 2016; BRUFFAERTS et al., 2018, 2019; COSTA; NEBEL, 2018; GRANER; CERQUEIRA, 2019, MACÊDO, 2018).

De acordo com Costa e Nebel (2018), nos últimos anos, o número de diagnósticos têm crescido entre os estudantes universitários. Nesse sentido, as ações de promoção de saúde mental no âmbito universitário têm sido uma necessidade observada há algum tempo, especialmente no que diz respeito a se repensar as relações estabelecidas nesse contexto, assim como as políticas públicas de apoio aos estudantes. No Brasil, a promoção em saúde tem se tornado socialmente mais reconhecida e notificada desde que em meados de 2017 casos de suicídio de estudantes de graduação e pós-graduação de algumas universidades brasileiras foram amplamente noticiados pelas mídias de grande circulação. Essas ocorrências trouxeram à tona a necessidade de se refletir sobre a saúde mental de estudantes e para além disso: de se pesquisar, planejar e propor ações de prevenção e promoção de saúde mental mais específicas para essa população (PRADO, 2019; SOUZA, FAVARIN; COMIN, 2021).

A “V Pesquisa do Perfil Socioeconômico dos Estudantes de Graduação das Universidades Federais” realizada com estudantes de cursos de graduação presenciais das 65 universidades e centros de educação federais do Brasil, chama a

atenção para a necessidade de se atentar à saúde mental dos universitários (FÓRUM NACIONAL DE PRÓ-REITORES DE ASSUNTOS COMUNITÁRIOS E ESTUDANTIS [FONAPRACE], 2019). Entre as dificuldades emocionais consideradas pelos estudantes como interferindo em sua vida acadêmica nos 12 meses anteriores à pesquisa, a ideia de morte (10,8%) e o pensamento suicida (8,5%) destacam-se como as mais graves. Além disso, a pesquisa demonstrou que o pensamento de morte e a ideação suicida nesta população cresceram do levantamento realizado em 2014 para este, em 2018, na ordem de 68,8% e 107% respectivamente (FONAPRACE, 2019).

Além dos supracitados, outros problemas com significativa incidência foram identificados: ansiedade (63,6%), desânimo ou desmotivação (45,6%), insônia ou alterações no sono (32,7%), sensação de desamparo ou desespero (28,2%), solidão (23,5%) e tristeza persistente (22,9%). Dos estudantes entrevistados, 83,5% responderam que vivenciaram alguma dificuldade emocional que interferiu na sua vida acadêmica – em 2014, esse percentual era de 79,8% (FONAPRACE, 2019). Não há um estudo desta mesma natureza e amplitude tal qual o do Fonaprace (2019) a respeito dos estudantes de pós-graduação. Contudo, diante dos fatores de estresse que se intensificam nesse nível de ensino, a falta de perspectivas e o desmantelamento de políticas de apoio à pesquisa e, portanto, a intensificação da falta de perspectiva de trabalho, faz-se mister que a saúde mental desta população seja olhada com mais cuidado. O alerta de que a saúde de pós-graduandos também tem demandado atenção, com incremento de estudos e propostas de intervenção já é inclusive, apontada pela literatura (COSTA; NEBEL, 2018).

Nesse sentido, Costa e Nebel (2018) assinalam que o transtorno depressivo, o transtorno de ansiedade, a crise de pânico, os distúrbios do sono e o comportamento suicida são consideravelmente maiores na população universitária e em especial, entre estudantes de pós-graduação, quando comparados à população geral. Todos esses aspectos elencados acima são indicados pela literatura como fatores de risco para o comportamento suicida (ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE PSIQUIATRIA, 2016;

BOTEGA, 2015; BOTEGA et al., 2006; JOINER, 2007; LITTLEWOOD et al., 2016; O'CONNOR; KIRTLEY, 2018; WORLD HEALTH ORGANIZATION, 2000, 2006) – o que torna ainda mais preocupante o cenário. Em 2004, um estudo de Nogueira-Martins et al. com 146 estudantes de pós-graduação da Universidade Federal de São Paulo apontou ideação suicida em 18% dos estudantes entrevistados.

Como aponta Kessler et al. (2005), 75% dos transtornos mentais severos desenvolvem-se antes dos 24 anos de idade, o que indica o alto risco e a vulnerabilidade psíquica dos estudantes. Pressão acadêmica, problemas financeiros e medo do futuro são exemplos de alguns dos fatores de risco presentes na vida estudantil (FONAPRACE, 2019; MACÊDO, 2018; ZOTESSO, 2021) que podem contribuir para o sofrimento emocional e adoecimento mental. Tais aspectos apontam para a urgência de se repensar os contextos e as relações estabelecidas no ambiente acadêmico, assim como as políticas públicas de inclusão e permanência desses estudantes, além do fortalecimento da ciência brasileira, abrindo espaços de trabalho e condições de estruturação de projetos de vida viáveis, sob o risco de biologização e patologização de condições contextuais e sociais.

No contexto escolar juvenil, deixar a família e entrar em um novo ambiente como a universidade, com alto nível de exigência, pode causar depressão ou altos níveis de angústia (COSTA; NEBEL, 2018; DUTRA, 2012). Essas questões quando associadas a grande senso de responsabilidade ou expectativa de desempenho tornam o estudante mais vulnerável ao estresse associado ao ambiente escolar, estudos ou problemas sociais – o que pode até mesmo precipitar comportamentos de violência autoprovocada nessa população. Dutra (2012) destaca como fatores de risco presentes o uso abusivo de álcool e drogas, a disponibilidade de meios letais, a violência física e sexual na infância, o isolamento social, os distúrbios psíquicos (depressão e esquizofrenia) ou sentimentos de desesperança e o histórico de tentativa de suicídio. Por sua vez, Macêdo (2018) discorre sobre como a cultura da alta performance e a fragilização da solidariedade presente na carência de relações

interpessoais concretas no contexto universitário, impactam a produção de sentido pelo estudante, de forma que as dificuldades, e eventualmente o fracasso, podem se transformar em sofrimento insuportável ao serem vividas solitariamente. No caso específico da pós-graduação, a cultura da alta performance é intensificada pela própria natureza do trabalho, levando estudantes a viverem sob forte pressão acadêmica e de produção, gerando sobrecarga de trabalho, em condições financeiras muitas vezes precárias, em um contexto de insegurança no planejamento da carreira. Segundo a literatura, o estresse percebido entre os pós-graduandos aponta ainda para uma dificuldade de balancear vida pessoal e estudos, de forma que atividades de lazer acabam sendo deixadas de lado em detrimento das horas dedicadas à pesquisa (WYATT; OSWALT, 2013). Wyatt e Oswalt (2013) também destacam a menor oferta de ações de prevenção e cuidado em saúde mental nas universidades voltadas a este público, o que condiz com a baixa produção de estudos a respeito das condições vividas e sofrimento emocional dessa população.

Bohry (2007) e Matta (2011) estudaram motivos de trancamento de matrículas em alunos de graduação e encontraram relevância nas questões de saúde mental. No estudo de Bohry (2007), a maioria dos estudantes que solicitou trancamento de matrícula apresentou dificuldade emocional significativa que interferiu no desempenho acadêmico. Os estressores encontrados foram de ordem pessoal, relacional, ambiental e acadêmica. Houve situações de risco de suicídio para as quais o atendimento especializado encontrado era deficiente. Já em 2007, a autora indicava a necessidade de estudos comparativos com estudantes de outros níveis de ensino, como a pós-graduação por exemplo, e também com jovens não universitários (BOHRY, 2007).

Por sua vez, no estudo de Matta (2011), mais da metade dos universitários em trancamento já apresentava algum transtorno mental antes de ingressar à universidade, assim como fatores individuais de vulnerabilidade com e sem relação ao contexto universitário. Entre os fatores relacionados à universidade foram

elencados a ausência/superficialidade de relacionamento com coordenadores de curso, as dificuldades de relacionamento entre estudantes e professores, as dificuldades de relacionamento entre os próprios estudantes e a falta de suporte no contexto universitário. Já entre os aspectos pessoais, o isolamento social, a introversão, o transtorno mental, o perfeccionismo, as alterações cognitivas e a ideação suicida foram os fatores observados no estudo (MATTA, 2011). No caso de estudantes de pós-graduação, seria importante estudos que incluíssem reflexões sobre as relações também com orientadores, haja vista a delicadeza e singularidade de tal relação e que a literatura já aponta que nem sempre estudantes recebem o monitoramento e suporte necessários (MINAYO, 2019).

Osse (2008) investigou as condições psicológicas, sociais e de qualidade de vida de universitários que residem na moradia estudantil da Universidade de Brasília a fim de subsidiar a elaboração de programas de proteção, prevenção e assistência a esses alunos. A pesquisadora identificou pródromos que indicaram ansiedade, depressão e dificuldades em aceitar ou procurar ajuda, além de dificuldades financeiras e carência de orientação e apoio do ambiente social, que favoreceram a prática de comportamentos de risco como tentativas de solução de problemas relativos ao sofrimento intensificado pela contingência vivida na universidade. Dificuldades semelhantes a essas elencadas nos últimos parágrafos foram apontadas no estudo de Evans et al. (2018) realizado com 2.279 pós-graduandos (90% doutorandos e 10% mestrandos) de 26 países, representando 234 instituições. Os autores chamam atenção para uma “crise de saúde mental na pós-graduação” e apontam para a necessidade de se compreender os aspectos envolvidos e a considerável prevalência de transtornos de ansiedade e depressão nesta população em comparação com a população geral.

No Brasil, a pesquisa de Costa e Nebel (2018) aponta que dos 2.903 estudantes de pós-graduação que participaram da pesquisa, 74% sofrem com ansiedade, 31% com insônia, 25% com depressão e 24% com crise nervosa –

achados que estão acima da média geral da população brasileira. Uma pesquisa realizada pela Associação dos Pós-Graduandos da Universidade Federal do Rio Grande do Sul também indica uma série de problemas enfrentados pelos pós-graduandos dentre os quais se destacam as dificuldades de interação social (17,8%), o aumento da irritabilidade (37,3%), a diminuição da motivação (41,2%), as dificuldades de concentração (35,8%) e os distúrbios do sono (50%) (JUNTA, 2017).

A fim de identificar os principais estressores e as variáveis associadas no âmbito da pós-graduação, Faro (2013) realizou pesquisa com 2.157 estudantes das cinco regiões do Brasil, dos quais 61,9% da amostra eram mestrandos e 38,1% doutorandos. Os resultados indicaram que as mulheres da região norte do país, os estudantes que não tinham trabalhado na área de formação, os estudantes que não trabalhavam concomitantemente à realização do curso de pós-graduação e aqueles que não pretendiam prosseguir na carreira acadêmica apresentaram maior nível de estresse. Em consonância com o crescente quantitativo do número de mulheres tituladas no Brasil, a amostra foi majoritariamente composta pelo sexo feminino, representando 71% do total (FARO, 2013).

A pós-graduação pode ser um ambiente muito desafiador ao estudante não apenas pelas demandas próprias da organização de atividades dos programas, mas também pela expectativa de um padrão de desempenho e autogerenciamento maior do alunado em razão de sua especificação (EVANS et al., 2018; WYATT; OSWALT, 2013). Isso, somado a aspectos de ordem pessoal como dificuldades financeiras, profissionais, familiares, conjugais, parentais, emocionais, entre outras, pode aumentar significativamente o risco do adoecimento dos estudantes (COSTA; NEBEL, 2018; REIS; RAGNINI; BOEHS, 2021). Segundo Costa e Nebel (2018), embora haja poucas pesquisas sobre o nível de estresse dos pós-graduandos, elas apontam que ele é bem mais elevado do que entre os graduandos, o que deve ser melhor investigado.

A universidade é um lugar de expectativa de alto desempenho e autonomia do estudante, que requer o desenvolvimento de processos cognitivos e sociais bastante complexos a fim de que as habilidades profissionais e acadêmicas sejam aprendidas, aperfeiçoadas e demonstradas (CRUZ, 2020). Assim, a sobrecarga juntamente com a incerteza quanto ao futuro profissional tão comuns neste momento da vida, podem gerar uma incompatibilidade entre a vida na universidade e fora dela (COSTA; NEBEL, 2018; EVANS et al., 2018; FARO, 2013; WYATT; OSWALT, 2013; ZOTESSO, 2021). No caso de estudantes trabalhadores, o acúmulo de atividades profissionais e estudantis pode ainda representar um fator de risco a mais para a saúde mental se não bem gerenciado. Isso deve ser especialmente considerado ao se decidir sobre o corte ou a redução no número de bolsas de estudos ofertadas aos pós-graduandos.

A PANDEMIA COVID-19 E O IMPACTO NA SAÚDE MENTAL DOS ESTUDANTES

No Brasil, a Covid-19 tem causado um grande número de óbitos – pelo menos 677.804 segundo os dados do Ministério da Saúde de 28 de julho de 2022¹. Além das questões sanitárias, as consequências da pandemia incluem o aumento de situações de vulnerabilidade socioeconômica e emocional e a alteração significativa na qualidade da saúde mental, das relações interpessoais e do suporte social disponível (SHAH et al., 2020), inclusive em estudantes universitários (BLANDO et al., 2021; DOGAN-SANDER et al., 2021; EVANS et al., 2021; HUBNER et al., 2020; KAPAROUNAKI et al., 2020; KOHLS et al., 2021; PATIAS et al., 2021).

Sentimentos de desesperança, ansiedade, confusão, raiva, irritabilidade, medo, frustração e tédio têm sido os mais comuns. Distúrbios do sono, agressividade,

¹ Painel de casos de doença pelo coronavírus 2019 (covid-19) no Brasil pelo Ministério da Saúde é um site interativo do Ministério da Saúde, desenvolvido para ser o veículo oficial de comunicação sobre a situação epidemiológica da COVID-19 no Brasil, com atualização diária deste órgão. Disponível em: <https://covid.saude.gov.br/>. Acesso em: 28 jul. 2022.

sintomas de transtorno de estresse pós-traumático e ideação suicida têm sido relatados na literatura, de forma que as restrições físicas e sociais de convivência, para mitigação do contágio viral têm impacto factual na saúde mental das populações (BROOKS et al., 2020; GRIFFITHS; MAMUN, 2020; HUREMOVIĆ, 2019a; KOWAL et al., 2020; SHAH et al., 2020; ZHENG, 2020). Do ponto de vista da saúde pública, portanto, o distanciamento social e os *lockdowns* são intervenções bem-sucedidas para mitigar o contágio de doenças transmissíveis por via aérea (HUREMOVIĆ, 2019b; KANG et al., 2020). Entretanto, a partir de outras perspectivas, ele pode ser catastrófico, sendo o aumento da violência doméstica, o desemprego, a fome e a privação social alguns dos aspectos que merecem não apenas atenção, mas demandam intervenção do poder público (MAZZA et al., 2020; PRADO; FREITAS, 2020; REGER et al., 2020; WEEMS et al., 2020).

A partir de uma amostra com 53.524 participantes, coletada em 26 países, Kowal et al. (2020) apontam, de modo geral, a idade jovem, o gênero feminino, o baixo nível educacional, o ser solteira, a presença de crianças em casa e o estado de gravidade do país em relação à Covid-19 como características importantes relacionadas ao estresse no período da pandemia na população. Embora com limitações tais como viés para participantes com acesso à internet e período transversal da coleta, esse estudo apresenta informações sociodemográficas que podem ser bastante úteis para o planejamento de ações de promoção em saúde mental coletiva.

No Brasil, Goularte et al. (2021) investigaram a prevalência e determinantes dos sintomas psiquiátricos na população geral por meio de uma pesquisa on-line realizada nas redes sociais, entre os meses de maio e julho de 2020. Os resultados indicaram notável prevalência de transtornos psiquiátricos, uma vez que sintomas de ansiedade, depressão e estresse pós-traumático foram mencionados por parte considerável dos participantes (GOULARTE et al., 2021). Variáveis como gênero feminino, juventude, nível educacional baixo, baixa renda e longo período de

distanciamento social tiveram associação relevantes a esses sintomas. Esses achados são similares aos apresentados pelo estudo de Campos et al. (2020), que objetivou avaliar o estado de saúde mental da população brasileira em relação aos dados sociodemográficos e de saúde da população, e também corroboram o estudo multicêntrico de Kowal et al. (2020) apresentado acima.

Do ponto de vista do adoecimento mental, as pessoas consideradas mais vulneráveis são aquelas que já apresentavam algum sofrimento prévio ou que foram afetadas diretamente pela doença (ORNELL et al., 2020), especialmente em razão das possíveis sequelas neurológicas e psiquiátricas da Covid-19 (KUMAR et al., 2021; ROGERS et al., 2020; TAQUET et al., 2021). Assim, a restrição da oferta de serviços de saúde mental, especialmente no setor público, é bastante preocupante (MAO et al., 2018; ORNELL et al., 2020; SHAH et al., 2020; STEHMAN et al., 2019). A fim de minimizar o impacto negativo na saúde mental das populações, especialmente as mais vulneráveis, Huremović (2019b) sugere o planejamento e a intervenção no âmbito psicossocial e econômico. Principalmente em países em desenvolvimento, onde a oferta gratuita e comunitária já era insuficiente, como é o caso do Brasil, intervenções em saúde mental precisam ser planejadas em conjunto com os esforços que têm sido aplicados no combate à Covid-19. Assim, nota-se a emergência do cuidado em saúde mental (FARO et al., 2020).

Na população jovem, Goularte et al. (2021) indicam que o alto índice de desemprego e de desigualdade social juntamente com as questões educacionais, profissional e de relações já existentes antes da pandemia podem ter agravado os sentimentos de desesperança no contexto da pandemia e, conseqüentemente, no estado de saúde mental dos jovens. O estudo de Goularte et al. (2021) assinala que a prevalência de sintomas de transtornos de ansiedade e depressão na amostra indica que a saúde mental deveria ser considerada como uma crise de saúde pública no contexto pandêmico brasileiro.

Em estudo observacional transversal com os estudantes de graduação da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, Hubner, Bruscatto e Lima (2020) apontaram que praticamente 90% dos estudantes experimentaram algum sofrimento significativo. Os autores sugerem monitoramento e oferecimento de suporte aos universitários ao longo e após a pandemia, com intervenções tais como: 1) maior atenção aos grupos vulneráveis, como mulheres e residentes e estudantes de cursos que não sejam medicina; 2) estratégia institucional da universidade para cuidados psicológico e médico de forma gratuita e acessível a estudantes psicologicamente afetados; 3) monitoramento futuro, de forma longitudinal, para aqueles que apresentarem distresse psicológico, bem como busca ativa para novos casos; 4) parceria com outras universidades a fim de mapear os estudantes com algum nível de distresse (HUBNER et al., 2020).

Segundo a Organização das Nações Unidas para Educação, Ciência e Cultura (UNESCO), a pandemia da Covid-19 gerou a maior interrupção dos sistemas educacionais em toda a história, afetando em torno de 1.6 bilhões de estudantes em mais de 190 países (UNESCO, 2020). O fechamento das escolas e de outros espaços educacionais impactou cerca de 94% dos estudantes em todo o mundo, e 99% dos estudantes dos países de baixa e média renda (UNESCO, 2020). Esse cenário impacta negativamente não apenas o âmbito pedagógico, mas também a saúde mental dos estudantes. Diante disso, muitas instituições de ensino superior adotaram o ensino remoto de forma emergencial (ERE), o qual se configurou basicamente como uma transposição didática do ensino presencial para o on-line, sendo comumente realizada em modalidade síncrona podendo ter ou não atividades assíncronas. Essa transposição não deve ser confundida com a educação ou ensino à distância (GUSSO et al., 2020).

Esse contexto emergencial, e muitas vezes improvisado, tem demandado dos estudantes flexibilidade, reorganização de prioridades, adaptação, manejo de emoções como a frustração, o tédio, o medo e a falta do convívio social com os pares

(ARAÚJO et al., 2020; CAO et al., 2020; EVANS et al., 2021; KOHLS et al., 2021; SARAVANAN et al., 2020; ZHAI; DU, 2020). Percebe-se que ao serem afetados pelo contexto pandêmico em diferentes aspectos, suas emoções e humor, sentimento de pertença e rede de suporte também foram alterados. Afinal, o ambiente universitário não inclui apenas aprendizagem de contexto e realização de atividades acadêmicas. Inclui também relações humanas importantes para o desenvolvimento de estudantes (EVANS et al., 2018; PATIAS et al., 2021). A nova rotina desconhecida e a sensação de menor controle do estudante sobre tarefas e prazos, podem gerar frustração, estresse, ansiedade, luto e raiva (BLANDO et al., 2021; GUNDIM et al., 2021). Considerando que já havia uma vulnerabilidade premente antes da pandemia, as universidades precisam atuar ativamente na prevenção, identificação e encaminhamento das questões de saúde mental junto a seus estudantes tanto durante, quanto depois da pandemia (BLANDO et al., 2021; KAPAROUNAKI et al., 2020; KOHLS et al., 2021).

Por sua vez, as adversidades que surgiram ou se intensificaram no cenário pandêmico impactam sobre a relação entre orientandos e orientadores, exigindo maior suporte destes quando os próprios professores também estão sendo atingidos pela crise (ALVES et al., 2012; MINAYO, 2019; NOGUEIRA-MARTINS et al., 2004). Ademais, novos problemas deste tipo podem ter surgido em razão da necessidade de reorganização e adaptação dos programas, das pessoas e dos projetos de pesquisa à emergência sanitária. As condições mudaram consideravelmente em um ambiente em que prazos e cobranças se mantiveram por parte das agências de controle. Vimos ser formado então um cenário ideal para ruídos de comunicação, aumento das dificuldades para iniciar, continuar e desenvolver as atividades previstas em um momento em que o suporte social – reconhecidamente fator de proteção para a saúde mental e para a permanência na universidade – foi fortemente abalado. A permanência de muitos estudantes foi posta à prova e muitos projetos precisaram ser reinventados.

Alves et al. (2012) apontam o distanciamento entre orientador e orientando como um dos entraves para a conclusão da pós-graduação e uma das principais causas de angústia e solidão de pós-graduandos – sendo o contrário também verdadeiro. Minayo (2019) apresenta a supervisão como um fator crucial para o sucesso de um programa de pós-graduação e para a reputação da instituição de ensino. Não obstante, a burocracia, a não formalização de muitas atividades que demandam tempo, a cobrança por produtividade e por alcançar indicadores para uma boa avaliação do programa, as inúmeras atividades de ensino, pesquisa e extensão e outras atividades acadêmicas dos orientadores podem contribuir para o não acompanhamento do processo de aprendizagem do orientando (ALVES et al., 2012). Soma-se a isso, a insegurança quanto ao exercício da atividade profissional na área de estudo, a instabilidade do sistema público de ensino no que se refere especialmente ao fomento da pesquisa e a manutenção das bolsas de estudos. As bolsas que já eram insuficientes em número e também no montante destinado aos estudantes, demandando dedicação exclusiva (SILVA; BARDAGI, 2015), diminuiram ainda mais no contexto da pandemia. Além disso, houve eventual atraso no pagamento das bolsas aos estudantes.

Diante disso, não há como não apontar a inter-relação entre os fatores sociais e o impacto das questões estruturais da pós-graduação no Brasil na saúde mental dos estudantes, fatores esses que se complexizaram no contexto da pandemia de Covid-19, criando uma situação de risco que precisa ser amplamente estudada. Assim, a indicação de Silva e Bardagi (2015) sobre a necessidade de desenvolvimento de estratégias institucionais que minimizem as dificuldades dos estudantes por meio da avaliação periódica do programa e da oferta de mentoria e aconselhamento aos alunos e que favoreçam a aproximação entre docentes e discentes e entre os discentes, se mostra ainda mais premente. Enquanto o distanciamento social for necessário, programas on-line que promovam suporte comunitário e a busca de ajuda podem ser especialmente úteis para esses objetivos (KOHLS et al., 2021).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Para os estudantes de pós-graduação, as condições que já se apresentavam desfavoráveis tornaram-se fatores de risco ainda maiores em um contexto de crise como o provocado pela pandemia da Covid-19, a saber, a diminuição no financiamento das pesquisas, a redução do número de bolsas e o consequente risco de perder o suporte financeiro para realizar os estudos, o atraso no pagamento das bolsas, a cobrança por produtividade, a relação pessoal ou institucional muitas vezes desgastada com o orientador, a preocupação com a atuação profissional posterior aos estudos, as demandas da vida pessoal não conciliáveis com as demandas acadêmicas, a competição acadêmica e a elevada expectativa de desempenho diante das condições concretas do desenvolvimento da pós-graduação são apenas alguns exemplos. Além disso, os estudantes também estão no contexto das ameaças socioeconômicas e de saúde impostas pela própria crise da Covid-19, tais como o desemprego daqueles que trabalhavam ou de seus familiares e o risco de ser ou ter familiares contaminados, mortos ou com sequelas da condição crônica da doença conhecida como Covid longa.

Os estudos acerca da saúde mental dos estudantes de pós-graduação, junto ao crescente número de estudantes, mesmo antes da pandemia já indicavam a necessidade de um olhar mais cuidadoso e de ações mais proativas por parte dos programas e das universidades voltadas a essa população, além do fortalecimento e ampliação das políticas públicas de inclusão e permanência desses estudantes. Nesse sentido, os dados disponíveis sobre o estado de saúde mental dos estudantes de pós-graduação, embora precisem ser ampliados, já apontam para uma necessidade do cuidado em âmbito coletivo, considerando a complexidade de fatores envolvidos no campo da saúde mental e ponderando as condições e relações

embricadas nisso. Ao mesmo tempo, indicam a necessidade de se conhecer melhor quem são esses estudantes e quais suas necessidades e especificidades neste contexto pandêmico e, eventualmente, pós-pandêmico.

Diante do crescimento de programas de pós-graduação no Brasil nos últimos anos e, conseqüentemente do número de estudantes, as políticas públicas voltadas a esses estudantes precisam ser fortalecidas juntamente com o desenvolvimento da ciência no país. Ademais, entende-se que a universidade precisa planejar, desenvolver e avaliar ações institucionais de cuidado em saúde mental de sua comunidade estudantil. Alguns aspectos que atuam como fatores de proteção para a saúde mental, que têm sido relacionados à diminuição da evasão, podem nortear essas ações. Entre eles podemos citar o suporte socioeconômico, a melhoria de estrutura e infraestrutura para desenvolvimento de pesquisas e da forma de avaliação da produtividade, a promoção de relações interpessoais colaborativas entre professores e alunos e entre pares, o apoio a mulheres, o suporte a estudantes que estão longe de suas famílias, o oferecimento de suporte social e emocional e, especialmente na pandemia, a inclusão digital.

Em termos das limitações deste trabalho, destaca-se o foco contextual e estrutural das universidades públicas e a extrapolação dos dados do contexto da graduação para a pós-graduação que, embora traga informações úteis para compreendermos as condições de sofrimento psíquico no contexto universitário, ainda se mostram insuficientes. Ademais, em termos metodológicos, reconhecemos a limitação temporal desta revisão que para o objetivo deste trabalho justifica-se pela articulação dos temas propostos. Assim, para estudos futuros, sugere-se a realização de revisão que apresente um caráter mais amplo, incluindo as especificidades do ensino privado, bem como considere concomitantemente ou retrospectivamente o impacto da pandemia Covid-19 na saúde mental dos estudantes de pós-graduação no Brasil.

REFERÊNCIAS

ALVES, V. M.; ESPINDOLA, I. C. P.; BIANCHETTI, L. A relação orientador-orientando na Pós-graduação stricto sensu no Brasil: a autonomia dos discentes em discussão. **Revista Educação em Questão**. v. 43, n. 29, pp. 135–156, 2012. Disponível em: <https://periodicos.ufrn.br/educacaoemquestao/article/view/4071/3338>. Acesso em: 03 fev. 2022.

ARAÚJO, F. J.; de O., de LIMA, L. S. A.; CIDADE, P. I. M., NOBRE, C. B.; NETO, M. L. R. Impact of Sars-Cov-2 and its reverberation in global higher education and mental health. **Psychiatry Research**, v. 288, n. 112977, p. 2, 2020. <https://doi.org/10.1016/j.psychres.2020.112977>. Acesso em: 20 jan. 2021.

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE PSIQUIATRIA. **Comportamento suicida**: conhecer para prevenir. Associação Brasileira de Psiquiatria. Rio de Janeiro: ABP, 2016. Disponível em: https://www.setembroamarelo.com/files/ugd/26b667_6ec77695993f4ae698bba32838165eed.pdf. Acesso em: 04 set. 2021.

AUERBACH, R. P.; ALONSO, J.; AXINN, W. G.; CUIJPERS, P.; EBERT, D. D.; GREEN, J. G.; HWANG, I.; KESSLER, R. C.; LIU, H.; MORTIER, P.; NOCK, M. K.; PINDER-AMAKER, S.; SAMPSON, N. A.; AGUILAR-GAXIOLA, S.; AL-HAMZAWI, A.; ANDRADE, L. H.; BENJET, C.; CALDAS-DE-ALMEIDA, J. M.; DEMYTTENAERE, K.; FLORESCU, S.; GIROLAMO, G. de; GUREJE, O.; HARO, J. M.; KARAM, E. G.; KIEJNA, A.; KOVESS-MASFETY, V.; LEE, S.; MCGRATH, J. J.; O'NEILL, S.; PENNELL, B.-E.; SCOTT, K.; HAVE, M.; TORRES, Y.; ZASLAVSKY, A. M.; ZARKOV, Z.; BRUFFAERTS, R. Mental disorders among college students in the World Health Organization World Mental Health Surveys. **Psychological Medicine**, v. 46, n. 14, pp. 2955-2970, 2016. Disponível em: <https://doi.org/10.1017/S0033291716001665>. Acesso em: 30 jan. 2021.

AYRES, J. R. C. M. Uma concepção hermenêutica de saúde. **Physis**, v. 17, n. 1, pp. 43-62, 2007. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0103-73312007000100004>. Acesso em: 11 jun. 2022.

BLANDO, A.; MARCILIO, F. C. P.; FRANCO, S. R. K.; TEIXEIRA, M. A. P. Levantamento sobre dificuldades que interferem na vida acadêmica de universitários durante a pandemia de COVID-19. **Revista Thema**, v. 20, pp. 303–314, 2021. Disponível em: <https://doi.org/10.15536/THEMA.V20.ESPECIAL.2021.303-314.1857>.

Acesso em: 01 jun. 2022.

BOTEGA, N. J. **Crise Suicida: avaliação e manejo**. Porto Alegre: Artmed, 2015.

BOTEGA, N. J.; WERLANG, B. S. G.; CAIS; C. F. da S.; MACEDO, M. M. K. (2006). Prevenção do comportamento suicida. **Psico (Porto Alegre)**, v.37, n.1992, pp.213-220.

BOTOMÉ, S. P.; KUBO, O. M. Responsabilidade social dos programas de Pós-graduação e formação de novos cientistas e professores de nível superior. **Interação Em Psicologia**, v.6, n. 1, pp.81-110, 2002. Disponível em: <https://doi.org/10.5380/psi.v6i1.3196>. Acesso em: 10 mai. 2021.

BOHRY, S. **Crise Psicológica do Universitário e Trancamento Geral de Matrícula por Motivo de Saúde**. 2007. Dissertação (Mestrado em Psicologia Clínica e Cultura) - Universidade de Brasília, Brasília, 2007. Disponível em: <https://repositorio.unb.br/handle/10482/2817>. Acesso em: 10 ago. 2020.

BRASIL. Ministério da Educação. Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior. **Portaria nº 52, de 26 setembro de 2002**. Regulamento do Programa de Demanda Social. Disponível em: <https://www.gov.br/capes/pt-br/centrais-de-conteudo/portaria-52-regulamento-ds-pdf>. Acesso em: 05 abr. 2021.

BRASIL. Ministério da Educação. Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior. **GEOCAPES – Sistema de Informações Georreferenciadas**. Brasília-DF: MEC, 2021. Disponível em: <https://geocapes.capes.gov.br/geocapes/>. Acesso em: 07 abr. 2021.

BRASIL. (2014). **Lei nº 13.005, de 25 de junho de 2014**. Aprova o Plano Nacional de Educação - PNE e dá outras providências. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2011-2014/2014/lei/l13005.htm. Acesso em: 06 abr. 2021.

BROOKS, S. K.; WEBSTER, R. K.; SMITH, L. E.; WOODLAND, L.; WESSELY, S.; GREENBERG, N.; RUBIN, G. J. The psychological impact of quarantine and how to reduce it: rapid review of the evidence. **The Lancet**, v.395, n. 10227, pp. 912-920, 2020. Disponível em: [https://doi.org/10.1016/S0140-6736\(20\)30460-8](https://doi.org/10.1016/S0140-6736(20)30460-8). Acesso em: 18 jan. 2021.

BRUFFAERTS, R.; MORTIER, P.; AUERBACH, R. P.; ALONSO, J.; HERMOSILLO DE LA TORRE, A. E.; CUIJPERS, P.; DEMYTTENAERE, K.; EBERT, D. D.; GREEN, J. G.; HASKING, P.; STEIN, D. J.; ENNIS, E.; NOCK, M. K.; PINDER-AMAKER, S.;

SAMPSON, N. A.; VILAGUT, G.; ZASLAVSKY, A. M.; KESSLER, R. C. Lifetime and 12-month treatment for mental disorders and suicidal thoughts and behaviors among first year college students. **International Journal of Methods in Psychiatric Research**, v. 28, n. 2, e1764, 2019. Disponível em: <https://doi.org/10.1002/mpr.1764>. Acesso em: 20 fev. 2021.

BRUFFAERTS, R.; MORTIER, P.; KIEKENS, G.; AUERBACH, R. P.; CUIJPERS, P., DEMYTTENAERE, K.; GREEN, J. G.; NOCK, M. K.; KESSLER, R. C. Mental health problems in college freshmen: Prevalence and academic functioning. **Journal of Affective Disorders**, v. 225, pp. 97-103, 2018. Disponível em: <https://doi.org/10.1016/j.jad.2017.07.044>. Acesso em: 22 fev. 2021.

CAMPOS, J. A. D. B.; MARTINS, B. G.; CAMPOS, L. A.; MARÔCO, J.; SAADIQ, R. A.; RUANO R. Early Psychological Impact of the COVID-19 Pandemic in Brazil: A National Survey. **Journal of Clinical Medicine**, v. 9, n. 9, 2976, 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.3390/jcm9092976>. Acesso em: 09 jul. 2021.

CAO, W.; FANG, Z.; HOU, G.; HAN, M.; XU, X.; DONG, J.; ZHENG, J. The psychological impact of the COVID-19 epidemic on college students in China. **Psychiatry Research**, n. 287, 112934, 2020. <https://doi.org/10.1016/j.psychres.2020.112934>. Acesso em: 05. Jul. 2021.

CENTRO DE GESTÃO E ESTUDOS ESTRATÉGICOS. **Participação de mulheres entre os titulados. Brasil: Mestres e Doutores 2019**. Brasília, DF: CGEE, 2019. Disponível em: <https://mestresdoutores2019.cgee.org.br/-/participacao-mulheres-titulados>. Acesso em: 10 abr. 2021.

COLOMBO, D. G. A Trajetória dos Estudantes de Pós-Graduação Stricto Sensu no Brasil: atrito e tempo para conclusão nos cursos de mestrado e doutorado. **Cadernos de Estudos e Pesquisas Em Políticas Educacionais**, pp. 199-237, 2019. Disponível em: <https://doi.org/10.5151/iv-enei-2019-5.8-013>. Acesso em: 10 mai. 2021.

COSTA, E. G.; NEBEL, L. O quanto vale a dor? Estudo sobre a saúde mental de estudantes de pós-graduação no Brasil. **Polis (Santiago)**, v. 17, n. 50, pp. 207-227, 2018. Disponível em: <https://doi.org/10.4067/S0718-65682018000200207>. Acesso em: 05 jun. 2021.

CRUZ, R. N. **Bloqueio da escrita acadêmica**: caminhos para escrever com conforto e sentido. Belo Horizonte: Artesã, 2020.

DOGAN-SANDER, E.; KOHLS, E.; BALDOFSKI, S.; RUMMEL-KLUGE, C. More

Depressive Symptoms, Alcohol and Drug Consumption: Increase in Mental Health Symptoms Among University Students After One Year of the COVID-19 Pandemic, 2021. **Frontiers in psychiatry**, v. 12, 790974, 2021. Disponível em: <https://doi.org/10.3389/fpsy.2021.790974>. Acesso em: 02 jun. 2022.

DUTRA, E. Suicídio de universitários: o vazio existencial de jovens na contemporaneidade. **Estudos e Pesquisas Em Psicologia**, v. 12, n. 3, pp. 924-937, 2012. Disponível em: <https://doi.org/10.12957/epp.2012.8229>. Acesso em: 05 jan. 2021.

EVANS, T. M.; BIRA, L.; GASTELUM, J. B.; WEISS, L. T.; VANDERFORD, N. L. Evidence for a mental health crisis in graduate education. **Nature Biotechnology**, v. 36, n. 3, pp. 282-284, 2018. Disponível em: <https://www.nature.com/articles/nbt.4089>. Acesso em: 06 jun. 2022.

EVANS, S.; ALKAN, E.; BHANGOO, J. K.; TENENBAUM, H.; NG-KNIGHT, T. Effects of the COVID-19 lockdown on mental health, wellbeing, sleep, and alcohol use in a UK student sample. **Psychiatry Research**, v. 298, 2021. Disponível em: <https://doi.org/10.1016/j.psychres.2021.113819>. Acesso em: 10 set. 2021.

FARO, A. Estresse e estressores na pós-graduação: estudo com mestrandos e doutorandos no Brasil. **Psicologia: Teoria e Pesquisa**, v. 29, n. 1, pp. 51-60, 2013. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0102-37722013000100007>. Acesso em: 05 mar. 2021.

FARO, A.; BAHIANO, M. A.; NAKANO, T. C.; REIS, C.; SILVA, B. F. P.; VITTI, L. S. COVID-19 e saúde mental: a emergência do cuidado. **Estudos de Psicologia (Campinas)**, v. 37, pp. 1-14, 2020. <https://doi.org/10.1590/1982-0275202037e200074>. Acesso em: 13 abr. 2021.

FILHO, N. de A.; COELHO, M. T. A.; PERES, M. F. T. O conceito de saúde mental. **Revista USP**, [S. l.], n. 43, pp. 100-125, 1999. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/revusp/article/view/28481>. Acesso em: 10 jun. 2022.

FÓRUM NACIONAL DE PRÓ-REITORES DE ASSUNTOS COMUNITÁRIOS E ESTUDANTIS. **V Pesquisa Nacional do Perfil Socioeconômico e Cultural dos (as) Graduandos (as) das IFES**. Uberlândia: FONAPRACE, 2019. Disponível em: <http://www.fonaprace.andifes.org.br/site/wp-content/uploads/2019/06/V-Pesquisa-do-Perfil-Socioecon%C3%B4mico-dos-Estudantes-de-Graduac%C3%A7%C3%A3o-das-U.pdf>. Acesso em: 03 fev. 2022.

GOULARTE, J. F., SERAFIM, S. D., COLOMBO, R., HOGG, B., CALDIERARO, M.

A., & ROSA, A. R. COVID-19 and mental health in Brazil: Psychiatric symptoms in the general population. **Journal of Psychiatric Research**, v. 132, pp. 32-37, 2021. Disponível em: <https://doi.org/10.1016/j.jpsychires.2020.09.021>. Acesso em: 05 set. 2021.

GRANER, K. M.; CERQUEIRA, A. T. D. A. R. Revisão integrativa: sofrimento psíquico em estudantes universitários e fatores associados. **Ciência & Saúde Coletiva**, v. 24, n. 4, pp. 1327-1346, 2019. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1413-81232018244.09692017>. Acesso em: 20 mai. 2021.

GRIFFITHS, M. D.; MAMUN, M. A. COVID-19 suicidal behavior among couples and suicide pacts: Case study evidence from press reports. **Psychiatry Research**, v. 289, 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.1016/j.psychres.2020.113105>. Acesso em: 05 jun. 2021.

GUNDIM, V. A.; ENCARNAÇÃO, J. P. da; SANTOS, F. C.; SANTOS, J. E. dos; VASCONCELLOS, E. A.; SOUZA, R. C. de. SAÚDE MENTAL DE ESTUDANTES UNIVERSITÁRIOS DURANTE A PANDEMIA DE COVID-19. **Revista Baiana de Enfermagem**, v. 35, 35:e37293, 2020. Disponível em: <https://periodicos.ufba.br/index.php/enfermagem/article/view/37293>. Acesso em: 3 jun. 2022.

GUSSO, H. L.; ARCHER, A. B.; LUIZ, F. B.; SAHÃO, F. T.; LUCA, G. G.; HENKLAIN, M. H. O.; PANOSSO, M. G.; KIENEN, N.; BELTRAMELLO, O.; GONÇALVES, V. M. Ensino superior em tempos de pandemia: diretrizes à gestão universitária. **Educação & Sociedade**, v. 41, 2020. <https://doi.org/10.1590/es.238957>. Acesso em: 05 ago. 2021.

HUBNER, C. von K.; BRUSCATTO, M. L.; LIMA, R. D. Distress among Brazilian university students due to the Covid-19 pandemic: survey results and reflections. **MedRxiv**, Preprint, 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.1101/2020.06.19.20135251>. Acesso em: 03 jun. 2021.

HUREMOVIĆ, D. Mental Health of Quarantine and Isolation. In: HUREMOVIĆ, D. (ed.). **Psychiatry of Pandemics: a mental health response to infection outbreak**. Springer International Publishing, 2019a. pp. 95-118. Disponível: <https://doi.org/10.1007/978-3-030-15346-5> Acesso em: 05 jul. 2020.

HUREMOVIĆ, D. Social Distancing, Quarantine, and Isolation. In: Huremović (ed.). **Psychiatry of Pandemics: a mental health response to infection outbreak**. Springer International Publishing, 2019b, pp. 85-94. Disponível em: https://doi.org/10.1007/978-3-030-15346-5_8. Acesso em: 05 jul. 2020.

JOINER, T. E. **Why people die by suicide**. Cambridge, MA: Harvard University Press, 2007.

JUNG, H. S.; ROSA, C. S. da; TEIXEIRA, A.; ITAQUI, C.; YUNES, M. A. M. Os processos relacionais na pós-graduação sob a perspectiva da bioecologia do desenvolvimento humano. **Revista Psicologia da Educação**, v. 1, n. 50, pp. 84-93, 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.5935/2175-3520.20200009>. Acesso em: 13 jun. 2021.

JUNTA, C. **Estresse e depressão na pós-graduação: uma realidade que a academia insiste em não ver**. Associação Nacional de Pós-Graduandos, abril, 2017. Disponível em: <http://www.anpg.org.br/03/04/2017/estresse-e-depressao-na-pos-graduacao-uma-realidade-que-a-academia-insiste-em-nao-ver/>. Acesso em: 03 jul. 2021.

KANG, C.; MENG, F.; FENG, Q.; YUAN, J.; LIU, L.; XU, L.; YANG, S.; WEI, Y.; ZHAO, X.; YANG, J. Implementation of quarantine in China during the outbreak of COVID-19. **Psychiatry Research**, v. 289, 2020. <https://doi.org/10.1016/j.psychres.2020.113038>. Acesso em: 05 jul. 2021.

KAPAROUNAKI, C. K.; PATSALI, M. E.; MOUSA, D.-P. V.; PAPADOPOULOU, E. V. K.; PAPADOPOULOU, K. K. K.; FOUNTOULAKIS, K. N. University students' mental health amidst the COVID-19 quarantine in Greece. **Psychiatry Research**, v. 290(January), 113111, 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.1016/j.psychres.2020.113111>. Acesso em: 17 jul. 2021.

KESSLER, R. C.; BERGLUND, P.; DEMLER, O.; JIN, R.; MERIKANGAS, K. R.; WALTERS, E. E. Lifetime Prevalence and Age-of-Onset Distributions of DSM-IV Disorders in the National Comorbidity Survey Replication. **Archives of General Psychiatry**, v. 62, n. 6, p. 593, 2005. Disponível em: <https://doi.org/10.1001/archpsyc.62.6.593>. Acesso em: 25 fev. 2021.

KOHL, E.; BALDOFSKI, S.; MOELLER, R.; KLEMM, S. L.; RUMMEL-KLUGE, C. Mental Health, Social and Emotional Well-Being, and Perceived Burdens of University Students During COVID-19 Pandemic Lockdown in Germany. **Frontiers in Psychiatry**, v. 12, 643957, 2021. <https://doi.org/10.3389/fpsy.2021.643957>. Acesso em: 05 mai. 2021.

KOWAL, M.; COLL-MARTÍN, T.; IKIZER, G.; RASMUSSEN, J.; EICHEL, K.; STUDZIŃSKA, A.; KOSZAŁKOWSKA, K.; KARWOWSKI, M.; NAJMUSSAQIB, A.; PANKOWSKI, D.; LIEBEROTH, A.; AHMED, O. Who is the Most Stressed During the

COVID-19 Pandemic? Data From 26 Countries and Areas. **Applied Psychology: Health and Well-Being**, v. 12, n. 4, pp. 946-966, 2020.

<https://doi.org/10.1111/aphw.12234>. Acesso em: 10 mai. 2021.

KUMAR, S.; VELDHUIS, A.; MALHOTRA, T. Neuropsychiatric and Cognitive Sequelae of COVID-19. **Frontiers in Psychology**, v. 12, 2021. Disponível em:

<https://doi.org/10.3389/fpsyg.2021.577529>. Acesso em: 10 set. 2021.

LIMA, R. C. Distanciamento e isolamento sociais pela COVID-19 no Brasil: Impactos na saúde mental. **Physis**, v. 30, n. 2, pp. 1-10, 2020. Disponível em:

<https://doi.org/10.1590/S0103-73312020300214>. Acesso em: 08 jul. 2021.

LITTLEWOOD, D. L.; GOODING, P.; KYLE, S. D.; PRATT, D.; PETERS, S. (2016). Understanding the role of sleep in suicide risk: qualitative interview study. **British Medical Journal Open**, v. 6, 12113. Disponível em:

<https://bmjopen.bmj.com/content/6/8/e012113>. Acesso em: 30 jun. 2021.

MACÊDO, S. (2018). Sofrimento psíquico e cuidado com universitários: reflexões e intervenções fenomenológicas. **Estudos Contemporâneos da Subjetividade**, v. 2, n. 2, pp. 265-277. Disponível em:

<http://www.periodicoshumanas.uff.br/ecos/article/view/2844/1566>. Acesso em: 10 jul. 2021.

MAO, X.; FUNG; O. W. M.; HU, X.; LOKE, A. Y. Psychological impacts of disaster on rescue workers: A review of the literature. **International Journal of Disaster Risk Reduction**, v. 27, n. 602-617, 2018. Disponível em:

<https://doi.org/10.1016/j.ijdrr.2017.10.020>. Acesso em: 30 nov. 2019.

MATTA, K. W. **Evasão universitária estudantil: precursores psicológicos do trancamento de matrícula por motivo de saúde mental**. 2011. Dissertação (Mestrado em Psicologia Clínica e Cultura) - Universidade de Brasília, Brasília, 2011. Disponível em: <http://repositorio.unb.br/handle/10482/9338>. Acesso em: 30 abr. 2020.

MAZZA, M.; MARANO, G.; LAI, C.; JANIRI, L.; SANI, G. Danger in danger: Interpersonal violence during COVID-19 quarantine. **Psychiatry Research**, v. 289, 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.1016/j.psychres.2020.113046>. Acesso em: 04 abr. 2021.

MINAYO, M. C. S. Orientação de mestrandos e doutorandos como atividade profissional. **Cadernos de Saúde Pública**, v. 35, n. 10, e00135719, 2019. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/0102-311x00135719>. Acesso em: 02 fev.

2022.

NOGUEIRA-MARTINS, L. A.; NETO, R. F.; MACEDO, P. C. M.; CÍTERO, V. A.; MARI, J. J. The mental health of graduate students at the Federal University of São Paulo: a preliminary report. **Brazilian journal of medical and biological research**, vol. 37, n. 10, pp. 1519-1524, 2004. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/s0100-879x2004001000011>. Acesso em: 03 jun. 2022.

O'CONNOR, R. C.; KIRTLEY, O. J. The integrated motivational-volitional model of suicidal behaviour. **Philosophical Transactions of the Royal Society B: Biological Sciences**, v. 373, 20170268, 2018. Disponível em: <https://doi.org/10.1098/rstb.2017.0268>. Acesso em: 10 ago. 2019.

ORNELL, F.; SCHUCH, J. B.; SORDI, A. O.; KESSLER, F. H. P. "Pandemic fear" and COVID-19: Mental health burden and strategies. **Brazilian Journal of Psychiatry**, v. 42, n. 3, pp. 232-235, 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1516-4446-2020-0008>. Acesso em: 03 mai. 2021.

ORTEGA, F. S.; BRANDÃO, C. D. F. A história da pós-graduação no Brasil e a construção do espaço acadêmico científico da educação. **Educação Em Foco**, v. 23, n. 39, p. 249-269, 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.24934/eef.v23i39.3577>. Acesso em: 05 jul. 2021.

OSSE, C. M. C. **Pródromos e qualidade de vida de jovens na moradia estudantil da Universidade de Brasília – UnB**. 2008. Dissertação (Mestrado em Psicologia Clínica) -Universidade de Brasília, Brasília, 2008. Disponível em: <https://repositorio.unb.br/handle/10482/2015>. Acesso em: 05 mai. 2020.

PATIAS, N. D.; VON HOHENDORFF, J.; COZZER, A. J.; FLORES, P. A.; SCORSOLINI-COMIN, F. Mental Health and Coping Strategies in Undergraduate Students During COVID-19 Pandemic. **Trends in Psychology**, v. 29, n. 3, pp. 414-433, 2021. Disponível em: <https://doi.org/10.1007/s43076-021-00069-z>. Acesso em: 02 jun. 2022.

PRADO, A. S.; FREITAS, J. L. Social distancing during pandemics: Suicide risk and prevention in the face of psychosocial impacts of COVID-19. **Estudos de Psicologia**, v. 25, n. 2, pp. 157-166, 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.22491/1678-4669.20200016>. Acesso em: 05 fev. 2021.

REGER, M. A.; STANLEY, I. H.; JOINER, T. E. Suicide Mortality and Coronavirus Disease 2019—A Perfect Storm? **JAMA Psychiatry**, v. 77, n. 11, pp. 1093-1094, 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.1001/jamapsychiatry.2020.1060>. Acesso em:

30 mar. 2021.

REIS, T. S. D.; RAGNINI, E. C. S.; BOEHS, S. T. M. Sofrimento psíquico e uso de psicofármacos entre estudantes de Pós-Graduação. **Rev. NUFEN**, Belém, v. 13, n. 2, pp. 45-56, ago. 2021. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2175-25912021000200005&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 01 jun. 2022.

ROGERS, J. P.; CHESNEY, E.; OLIVER, D.; POLLAK, T. A.; MCGUIRE, P.; FUSAR-POLI, P.; ZANDI, M. S.; LEWIS, G.; DAVID, A. S. Psychiatric and neuropsychiatric presentations associated with severe coronavirus infections: a systematic review and meta-analysis with comparison to the COVID-19 pandemic. **The Lancet Psychiatry**, v. 7, n. 7, pp. 611-627, 2020. Disponível em: [https://doi.org/10.1016/S2215-0366\(20\)30203-0](https://doi.org/10.1016/S2215-0366(20)30203-0). Acesso em: 06 mar. 2021.

ROSLAN, S.; AHMAD, N.; NABILLA, N.; GHIAMI, Z. Psychological Well-being among Postgraduate Students. **Acta Medica Bulgarica**, v. 44, n. 1, pp. 35-41, 2017. Disponível em: <https://doi.org/10.1515/amb-2017-0006>. Acesso em: 07 jun. 2021.

SANTOS, C. M. dos. Tradições e contradições da pós-graduação no Brasil. **Educação & Sociedade**, v. 24, n. 83, pp. 627-641, 2003. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0101-73302003000200016>. Acesso em: 14 jun. 2021.

SARAVANAN, C.; MAHMOUD, I.; ELSHAMI, W.; TAHA, M. H. Knowledge, Anxiety, Fear, and Psychological Distress About COVID-19 Among University Students in the United Arab Emirates. **Frontiers in Psychiatry**, v. 11, 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.3389/fpsy.2020.582189>. Acesso em: 20 ago. 2021.

SILVA, T. C.; BARDAGI, M. P. O aluno de pós-graduação stricto sensu no Brasil: revisão da literatura dos últimos 20 anos. **Revista Brasileira de Pós-Graduação**, 12, n. 29, pp. 683-714, 2015. Disponível em: <https://doi.org/10.21713/2358-2332.2015.v12.853>. Acesso em: 30 ago. 2021.

SINDICATO NACIONAL DOS DOCENTES DAS INSTITUIÇÕES DE ENSINO SUPERIOR. **Portaria da Capes corta bolsas de diversos programas de pós-graduação**. 24 mar. 2020. Disponível em: <https://www.andes.org.br/conteudos/noticia/portaria-da-capes-corta-bolsas-de-diversos-programas-de-pos-graduacao1>. Acesso em: 03 ago. 2021.

SNYDER, H. Literature review as a research methodology: An overview and guidelines. **Journal of Business Research**, v. 104(C), pp. 333-339, 2019. Disponível em: <https://doi.org/10.1016/j.jbusres.2019.07.039>. Acesso em: 06 jun.

2022.

SOUZA, D.; FAVARIN, D.; SCORSOLINI-COMIN, F. Estratégias grupais para promoção de saúde em universitários. **Educação**, v. 461, pp. 1-24, 2021. Disponível em: <https://doi.org/10.5902/1984644442800>. Acesso em: 10 set. 2021.

SHAH, K.; KAMRAI, D.; MEKALA, H.; MANN, B.; DESAI, K.; PATEL, R. S. Focus on Mental Health During the Coronavirus (COVID-19) Pandemic: Applying Learnings from the Past Outbreaks. **Cureus**, March, 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.7759/cureus.7405>. Acesso em: 03 jul. 2021.

STEHMAN, C.; TESTO, Z.; GERSHAW, R.; KELLOGG, A. Burnout, Drop Out, Suicide: Physician Loss in Emergency Medicine, Part I. **Western Journal of Emergency Medicine**, v. 20, n. 3, pp. 485-494, 2019. Disponível em: <https://doi.org/10.5811/westjem.2019.4.40970>. Acesso em: 10 jul. 2021.

TAQUET, M.; GEDDES, J. R.; HUSAIN, M.; LUCIANO, S.; HARRISON, P. J. 6-month neurological and psychiatric outcomes in 236 379 survivors of COVID-19: a retrospective cohort study using electronic health records. **The Lancet Psychiatry**, v. 8, n. 5, pp. 416-427, 2021. Disponível em: [https://doi.org/10.1016/S2215-0366\(21\)00084-5](https://doi.org/10.1016/S2215-0366(21)00084-5). Acesso em: 02 ago. 2021.

UNITED NATIONS EDUCATIONAL, SCIENTIFIC AND CULTURAL ORGANIZATION. **Policy Brief: Education During COVID-19 and Beyond**. UNESCO, ago. 2020. Disponível em: https://www.un.org/development/desa/dspd/wp-content/uploads/sites/22/2020/08/sq_policy_brief_covid-19_and_education_august_2020.pdf Acesso em: 12 abr. 2021.

WEEMS, C. F.; MCCURDY, B.; CARRION, V.; SCOZZAFAVA, M. D. Increased risk of suicide due to economic and social impacts of social distancing measures to address the Covid-19 pandemic: a forecast. **ResearchGate Preprint**, April, pp. 0-9, 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.13140/RG.2.2.21601.45926>. Acesso em: 07 jun. 2021.

WORLD HEALTH ORGANIZATION. **Prevenção do suicídio**: manual para professores e educadores. Geneva: WHO, 2000. Disponível em: https://www.who.int/mental_health/prevention/suicide/en/suicideprev_educ_port.pdf. Acesso em: 05 jun. 2019.

WORLD HEALTH ORGANIZATION. **Prevenção do Suicídio**: um recurso para conselheiros. Geneva: WHO, 2006. Disponível em: https://www.who.int/mental_health/prevention/suicide/en/suicideprev_media_port.pdf.

Acesso em: 05 jun. 2019.

WORLD HEALTH ORGANIZATION. **Depression and other common mental disorders: Global Health Estimates**. Geneva: WHO, 2017. Disponível em: <https://apps.who.int/iris/bitstream/handle/10665/254610/WHO-MSD-MER-2017.2-eng.pdf>. Acesso em: 10 jul. 2021.

WYATT, T. W.; OSWALT, S. B. Comparing mental health issues among undergraduate and graduate students. **American Journal of Health Education**, v. 44, n. 2, pp. 96-107, 2013. Disponível em: <https://doi.org/10.1080/19325037.2013.764248>. Acesso em: 03 jun. 2022.

ZHAI, Y.; DU, X. Addressing collegiate mental health amid COVID-19 pandemic. **Psychiatry Research**, v. 288, 113003, 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.1016/j.psychres.2020.113003>. Acesso em: 10 ago. 2021.

ZHENG, W. Mental health and a novel coronavirus (2019-nCoV) in China. **Journal of Affective Disorders**, v. 269, pp. 201-202, 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.1016/j.jad.2020.03.041>. Acesso em: 10 ago. 2021.

ZOTESSO, M. C. **Sofrimento psicológico em pós-graduandos: aspectos emocionais e comportamentais**. 2021. Tese (Doutorado em Psicologia do Desenvolvimento e da Aprendizagem) – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Bauru, 2021. Disponível em: <https://repositorio.unesp.br/handle/11449/204451>. Acesso em 11 jun 2022.